

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO NA REGIÃO DE LEIRIA EM TEMPOS MEDIEVAIS

SAUL ANTÓNIO GOMES

A paisagem da região de Leiria, situada no litoral estremenho português, entre as faldas das serras do chamado Maciço Calcário Estremenho (Sicó, Aire e Candeeiros) e as manchas dunares atlânticas, onde se alongam matas de pinho bravo, encontra-se profundamente marcada pelas heranças patrimoniais do medievo. O povoamento deste espaço geográfico, mais estritamente coincidente com a bacia hidrográfica do Lis e Lena, renovou-se no século XII, a partir da fundação do castelo de Leiria por iniciativa do rei D. Afonso Henriques, em 1135.

A fortaleza medieval leiriense é hoje, depois de séculos de vicissitudes e de restauros aprofundados levados a cabo no século XX, o testemunho mais eloquente desses tempos afonsinos. Nos confins do primitivo termo undecentista de Leiria, levantar-se-iam os castelos de Ourém, de Porto de Mós e, mais tardiamente, de Alcobaça. Os exércitos do rei e dos nobres que o acolitavam, os cavaleiros das Ordens Militares, sobremodo templários e hospitalários, e a força armada garantida por cavaleiros-vilãos garantiram a defesa do território, apropriando-se das melhores terras, matas e florestas, concedendo-as, depois, em préstamos e a foros¹.

Multiplicavam-se, neste espaço, as alternativas e os recursos para o levantamento de fortificações, de vilas e de edifícios monumentais. Abundavam, como ainda hoje, os calcários e os liozes, assim como os basaltos e os saibros, que foram densamente usados na construção dos castelos, de muralhas, de pontes e do casario vilão das vilas de toda a região. Não escasseavam, ainda, as argilas – tão usadas pelos oleiros medievos para fabrico de telha, tijoleira e utensílios domésticos –, as areias aluvionares ou mesmo as marinhas, mais salitradas, e, finalmente, as madeiras em que predominavam os pinhos manso e bravo².

¹ Vd. GOMES, Saul António, *Introdução à História do Castelo de Leiria*, 2ª edição, Leiria, Câmara Municipal de Leiria, 2005; Idem, *Porto de Mós. Coleção Histórica e Documental. Séculos XII a XIX*, porto de Mós, Câmara Municipal de Porto de Mós, 2007.

² PINTO, A. Arala, *O Pinhal do Rei. Subsídios*, 2 vols., [Leiria], 1938-1939.

Pedra e madeira constituíam, nesses tempos, as matérias-primas essenciais para a construção militar, civil e religiosa³. Edificações de madeiras e taipas abundantes nesses séculos e que são raras hoje em dia se bem que tais técnicas construtivas subsistam nalguns exemplos da arquitetura tradicional popular⁴. Nem mesmo a vizinha e afamada vila de Óbidos, *ex libris* do medievo estremenho por excelência, em boa verdade, guarda muitos exemplares originários desses séculos. Afloram, aqui, arcaturas de ogiva em capelas e pequenas igrejas, é verdade, mas são o que resta desse binómio construtivo que dominava a construção regional medieva leiriense: pedra e madeira⁵.

A ocupação e o povoamento deste território, superiormente controlados pelos monarcas, potenciaram a expansão de uma economia rural, assente sobretudo no cereal e na silvicultura, e levaram à abertura e desenvolvimento de mercados urbanos de consumo⁶. O desenvolvimento da agricultura implicou também o fomento

³ Em 1721, Brás Raposo da Fonseca, em memória enviada à Academia da História, valorizava esta região pelos seus recursos, citamos, de: “Cal, pedras lioses e brancas e cantaria, areas e saibros, em poucas partes há melhores. Minas de azeviche e de pedras transparentes de varias cores para embrexados são muitas. O saibro capaz de se fazerem fornalhas e mais necessarios para a factura e fabrico de vidros, que agora se faz de novo, só neste Bispado se achou mais a proposito como é constante.” (*Notícias do Distrito de Leiria de 1721 enviadas à Academia Real. Códice do Arquivo da Universidade de Coimbra* Nº 503, Leiria, ed. O Mensageiro, s. d., pp. 25-26). Cerca de 1850, existiam 55 pedreiras no concelho de Leiria e quatro no de Porto de Mós. Escreve, a propósito, D. António Costa Macedo: “Ha sobretudo no distrito quatro pedreiras de reputação. Uma de marmore preto situada no Alqueidão da Serra, concelho de Porto de Moz. (...) Mais tres no concelho de Leiria, uma de lioz na Opeia, que todavia tem o defeito de ser muito rija; outra de cantaria branca no Val da Quebrada, notavel por ter sido d’ella que se extraiu a pedra com que se fez o edificio da Batalha, e com que actualmente se concerta; (...) e outra enfim, a das Lombas, freguezia do Reguengo, granítico calcario. É excellente. Extrae-se d’ella menos cantaria por ainda não ser muito conhesida (...)” (*Estatistica do Districto Administrativo de Leiria*, Leiria, Typographia Leiriense, 1855, pp. 89-90). Já no período da Romanização que se atesta a exploração de pedreiras e de minas de ferro nas imediações de terras como Marinha Grande, Arnal, Leiria, Alqueidão da Serra e Porto de Mós. vd. ALARCÃO, Jorge, *O Domínio Romano em Portugal*, Lisboa, Publicações Europa-América, 1998, p. 133-136; BERNARDES, João Pedro, *A Ocupação Romana na Região de Leiria*, Universidade do Algarve, Faro, 2007; Idem, *A Região de Leiria na Época Romana*, Leiria, CEPAE e folheto edições, 2008.

⁴ PEREIRA, Nuno Teotónio; FREITAS, António Pinto de; DIAS, Francisco da Silva, “Zona 4: Estremadura”, *Arquitectura Popular em Portugal*. 2º volume, 3ª edição, Lisboa, Associação dos Architectos Portugueses, 1988, pp. 121 e seguintes; MOUTINHO, Mário, *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, Lisboa, Ed. Estampa, 1995.

⁵ Veja-se SEQUEIRA, Gustavo Matos, *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Leiria*, Lisboa, Academia Nacional de Belas-Artes, 1955.

⁶ Vd. LE GOFF, Jacques – “La ciudad como agente de civilización: c. 1200-c.1500”; DUBY, Georges – “La agricultura medieval, 900-1500”; THRUPP, Sylvia L. “La industria medieval, 1100-1500”, in CIPOLLA, Carlo M. (Ed.), *Historia Económica de Europa. 1. Edad Media*, Barcelona, ed. Ariel, 1981, p. 78-114, 186-234 e 235-294 respetivamente; HEERS, Jacques – *O Ocidente nos Séculos XIV e XV. (Aspectos económicos e sociais)*, São Paulo, Universidade de São Paulo, 1981, p. 125 e seguintes; FOURQUIN, Guy – *História Económica do Ocidente Medieval*, Lisboa, Edições 70, 1981, pp. 239 e seguintes.

da exploração de outros recursos e produtos, sobretudo metalúrgicos, obrigando, ainda, ao levantamento de moinhos e lagares, de pisões, de engenhos de serração, e à multiplicação de veículos de transporte de produtos, bens e pessoas. Para a exploração dos recursos fluviais e marítimos piscatórios desenvolveu-se a construção naval nas taracenas costeiras da foz do rio Lis, de S. Pedro de Muel, das Paredes, da Pederneira e de Alfeizerão⁷. Sabemos bem que os monges cistercienses de Alcobaça colaboraram com o poder régio na drenagem de pauis e na transformação de pântanos em campos férteis, assim se regularizando veios fluviais, ampliando as áreas de cultivo e aumentando as léguas das vias de circulação pela abertura de novas carreiras, estradas e vias.

Foi, sublinhemo-lo, essa prodigiosa Idade Média leiriense que nos legou alguns dos monumentos mais vistosos e demonstrativos do engenho construtivo do homem medieval. Refiro-me aos Mosteiros de Alcobaça e da Batalha, sem descurar, pela sua escala igualmente monumental, S. Francisco de Leiria e Santa Maria de Cós. Deverei, ainda, trazer à colação as remodelações palatinas góticas dos castelos desta região como sejam os de Pombal, Leiria, Ourém e Porto de Mós, ou ruínas de antigos paços senhoriais como os de Monte Real, também eles ameaçados⁸.

⁷ Exportava-se, já nos finais do Século XIV, madeira dos pinhais de Leiria para Lisboa, registando-se essa realidade no Foral da Portagem dessa cidade: “*Da madeira que veer d’Alcobaça e d’Alfeizerom*. De toda madeira que veer d’Alcobaça e d’Alfeizerom, scilicet, tavaodo // [Fl. 2v] arcos e vimeens. E outra madeira assy vezinhos como os que nom som vezinhos pagam dizima. *De toda madeyra que veer de Leyria*. E de toda madeira que veer de Leyria. E de Torres Vedras. E doutros logares de fora do termho per terra. E a venderem ham de pagar dizima assy vezinhos como os que nom som vezinhos. Mas se os dictos vezinhos ouverem mester pera suas casas alguã desta madeira que vem per terra como muytas vezes trazem huchas ou tavolleiros ou tavaodo ou outra madeira pera sas casas nom pagom dizima.” (Direção Geral de Arquivos – Torre do Tombo (doravante citado por TT) – Forais Antigos, Maço 2, Nº 2 [Casa Forte, Núcleo Antino, Nº 356], fls. 2-2vº). Segundo João Brandão, Lisboa consumia, em 1552, 50 000 cruzados de tavaodo oriundo de Leiria: “Também vem tavaodo de Leiria, de corrente e de naus, que valem cada ano dez mil cruzados, pois se houvesse de pagar direitos os das naus maiores, seria mui grossa cousa, que não há ano que não venha madeira que não valha cinquenta mil cruzados.” (BRANDÃO (de Buarcos), João, *Grandeza e abastança de Lisboa em 1552* (Organização e notas de ALVES, José da Felicidade), Lisboa, Livros Horizonte, 1990, p. 57).

⁸ HELENO, Manuel – *Antiguidades de Monte Real*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1922; GOMES, Saul António Gomes – *Introdução à História do Castelo de Leiria...*: Idem, “O Condado de Ourém em tempos medievais”, in D. Afonso, 4º Conde de Ourém e sua Época. *Congresso Histórico. Ourém, 6 a 8 Novembro 2003. Actas*, (Coord. Carlos Ascenso André), Ourém, Câmara Municipal de Ourém, 2004, pp. 93-156; Idem, *Porto de Mós. Colectânea Histórica e Documental. Séculos XII a XIX*, Porto de Mós, Câmara Municipal de Porto de Mós, 2005; Idem, “Uma domus espreitando o movimento dos séculos”, in *Mimo. Museu da imagem em movimento. Intervenção para um projecto museológico*, Leiria, Município de Leiria, 2009, pp. 15-20; Idem, “Novos e antigos elementos para a história do castelo de Leiria”, in *Leiria-Fátima. Órgão Oficial da Diocese*, Ano XVI, Nº 49, Janeiro-Junho 2010 [2012], pp. 141-15; BARRADAS, Alexandra Alves, *Ourém e Porto de Mós. A obra mecenática de D. Afonso, 4º Conde de Ourém*, Lisboa, Ed. Colibri, 2006.

Dependia a encomenda artística religiosa, nesta região como por toda a Europa medievá, da generosidade, da capacidade económica e da Fé dos fiéis que, com as suas esmolas e dádivas, anatas, díizimos e impostos, quartas e redízimas funerárias, senão compra de indulgências, financiavam, por vezes em tempos longos, faseados e inter-geracionais, a construção monumental, e o enriquecimento dos tesouros e relicários de capelas, igrejas, catedrais e mosteiros⁹. Assim se explicam, na verdade, obras de grande escala na região leiriense, como os mencionados Mosteiros de Alcobaça e da Batalha, de patrocínio régio, aliás, mas também com o concurso de fiéis de estratos sociais mais modestos, cujas construções de alongaram por largos períodos de tempo.

A ocupação do espaço, numa sociedade marcada pela dominância da economia rural, levou à exploração das terras do termo leiriense, privilegiando-se culturas de cereal, da vinha e silvícolas, como, ainda, ao aproveitamento intenso, como se referiu, das riquezas do subsolo. A região leiriense, neste ponto, comungava dos destinos europeus¹⁰, mas com a particularidade, todavia, de guardar, no seu subsolo, importantes recursos de ferro e carvão¹¹.

A toponímia medieval de Leiria insinua a presença de minérios no subsolo de toda a região. Surge cedo a referência a “Veneiro” ou Vieiro, quer como Moinho do Vieiro, junto ao rio Lis, na vila, quer o lugar do Alto Vieiro, às suas portas¹².

O tombo dos bens que o Mosteiro de Alcobaça possuía, da década de 1260, enumerando as propriedades desta abadia no “Barro” (freguesia de S. Simão de Litém, hoje concelho de Pombal), refere:

⁹ Cf. VROOM, Wim – *Financing cathedral building in the Middle Ages. The generosity of the faithful*, Amsterdam: Amsterdam University Press, 2010; BERNARDI, Philippe – *Bâtir au Moyen Âge (XIIIe-milieu XVIe siècle)*. Paris: CNRS Editions, 2011.

¹⁰ cf. CHÉDEVILLE, A. – *Chartres et ses campagnes (XIe-XIIIe s.)*. Paris: Editions Klincksieck, 1973, pp. 162-245;

¹¹ vd. RIBEIRO, Carlos – *Memorias sobre as minas de carvão e ferro do Districto de Leiria*, Vol. 1, Lisboa, Academia Real das Ciencias, 1858, pp. 245-328: 276-277, 316-317; CABRAL, José Augusto C. das Neves (Coord.); MONTEIRO, Severiano; BARATA, João Augusto – *Catalogo Descriptivo da Secção de Minas. Grupos I e II*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1889; *Carta Geológica de Portugal. Notícia explicativa da Folha 23 – C, Leiria* (TEIXEIRA, C.; ZBYSZEWSKI, G.; ASSUNÇÃO, C. Torre de; MANUPPELLA, G.)(, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal, 1965; *Folha 27 – A, Vila Nova de Ourém* (ZBYSZEWSKI, G.; MANUPPELLA, G., FERREIRA, O. da Veiga; MOUTERDE, R.; RUGET-PERROT, Ch.; ASSUNÇÃO, C. Torre), Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal, 1974; *Folha 22 – D, Marinha Grande* (ZBYSZEWSKI, G.; ASSUNÇÃO, C. Torre de), Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal, 1965; *Folha 23 – A, Pombal* (MANUPPELLA, G.; ZBYSZEWSKI, G., FERREIRA, O. da Veiga), Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal, 1978; *Folha 26 – B, Alcobaça* (FRANÇA, J. Camarate; ZBYSZEWSKI, G.), Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal, 1963.

¹² TT – Mosteiro de Alcobaça, Dourados, livro 3, fl. 55vº, Doc. 109. GOMES, Saul António, *Introdução à História do Castelo de Leiria*, Doc. 2.6.

“Item in Barrio (...) in fluvio qui currit per Ferrarias (...). Item in alia parte una quairela que incipit in ipso fluvio de Ferrarias (...). Item alia quairela in ferrarias (...). Item in loco ubi stant ferrarias habet monasterium Alcobatie suum quononem.”¹³

Estas ferrarias de S. Simão de Litém voltam a ser referidas em documento de 1294¹⁴, num momento em que o rei D. Dinis incentivava a exploração de ferro por todo o Reino¹⁵. A exploração do ferro, como revelou Virgínia Rau, era praticada pelos monges de Alcobaça dentro e fora do seu couto¹⁶.

No “Soveral”, acima de Cirol, não muito distante da vila leiriense, fala-se das vinhas da Ferraria, em 1435¹⁷. Desta mesma data é a alusão ao Vale do Ferreiro, perto de Grinde (S. Miguel de Colmeias)¹⁸. Na antiga freguesia de S. Miguel de Colmeias, em 1314, cita-se o lugar da Chumbaria¹⁹. São escassas as referências a outros minérios e as que se encontram pertencem mais ao domínio da aquisição de produtos, no mercado local, do que verdadeiramente à extração ou transformação das respetivas matérias-primas.

O Mosteiro de Alcobaça comprava em Leiria, cerca de 1438, cutelos de mesa, bacios e trinchões de estanho, barris “dooiro”, candeeiros de açôfar e panelas²⁰.

¹³ TT – Mosteiro de Alcobaça, 2ª incorporação, Maço 32, Doc. 808 (4), fls. 4-4vº.

¹⁴ TT – Sé de Coimbra, 2ª incorporação, Maço 17, Doc. 789.

¹⁵ A 12 de dezembro de 1288, D. Dinis autorizava Sancho Peres e os seus “socii” a explorarem ferro em todo o reino, mediante o pagamento de 1/5 do que produzissem. (TT – Chancelaria de D. Dinis, livro 1, fl. 61; publicado por RIBEIRO, João Pedro, *Dissertações Chronologicas e Criticas...*, Tomo III, parte 2, Doc. 33, p. 89). Vd. *Mines et Métallurgie (XIIe-XVIe siècle)*. Actes du 98e Congrès National des Sociétés Savantes. Saint-Étienne 1973, Paris, Ed. Bibliothèque Nationale, 1975; SPRANDEL, R., “La production du fer au Moyen Age”, *Annales ESC*, 1969, pp. 305-321; FOSSIER, Robert, *Le Moyen Âge. le temps des crises. 1250-1520*, 3, Paris, Ed. Armand Colin, 1983, pp. 404-108; BRAUNSTEIN, Philippe, “Le fer et la production de fer en Europe, de 500 à 1500”, *Annales ESC*, 1972, p. 407-414; Idem, “Les forges champenoises de la contesse de Flandre (1372-1404)”, *Annales ESC*, 42 année – N° 4 (1987), pp. 747-778; MENANT, François, “Pour une histoire médiévale de l’entreprise minière en Lombardie”, *Annales ESC*, 42e année – N° 4 (1987), pp. 779-796; DURAND, Robert, *Les campagnes portugaises entre Douro et Tage aux XIIe et XIIIe siècles*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1982, p. 201-212; MATTOSO, José, *Identificação de um país. Vol. I. Ensaio sobre as Origens de Portugal 1096-1325*, Lisboa, Editorial Estampa, 1995, pp. 365-366, 436, 446, 450; MARQUES, A. H. de Oliveira, *Portugal na Crise dos Séculos XIV e XV. Vol. IV de Nova História de Portugal* (Dir. SERRÃO, Joel e MARQUES, A. H. de Oliveira), Lisboa, Editorial presença, 1987, pp. 113-114.

¹⁶ GONÇALVES, Iria – *O Património do Mosteiro de Alcobaça nos Séculos XIV e XV*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, pp. 278-282; RAU, Virgínia – “Exploração do ferro em Rio Maior no Século XIII”, *Revista Portuguesa de História*, T. III (1947), pp. 199-202.

¹⁷ TT – Mosteiro de Alcobaça, Livro 15, fl. 246.

¹⁸ TT – Mosteiro de Alcobaça, Livro 15, fl. 246.

¹⁹ TT – Sé de Coimbra, 2ª incorporação, Maço 90, Doc. 4346. (Residia em Leiria, em 1304, um João Chumbeiro, alfaiate (TT – Mosteiro de Alcobaça, 2ª incorporação, Maço 18, Doc. 405 (1)). Em 1472, pesquisava-se chumbo na região de Coimbra. (BARROS, Henrique da Gama, *História da Administração Pública em Portugal dos Séculos XII a XV*, (Ed. anotada por Torquato de Sousa Soares), Tomo VI, p. 129)).

²⁰ TT – Mosteiro de Alcobaça, Livro 14, fl. 86.

Sabemos que a mesma abadia adquiriu nesta vila, por 1437, oito arráteis de “paje hume” (alúmen) a 12 reais o arrátel²¹, aqui comprado, ainda, azougue²².

No fabrico de vidro, sobretudo vidraça e vitral, comum na região em pleno século XV, em boa parte impulsionado pelo estaleiro gótico da Batalha, empregava-se “massaqoth”²³.

Em 1313, um carvoeiro, morador no sítio do Freixial, tinha de pagar dízima de carvão à igreja de Colmeias²⁴. Não sabemos se se trataria de carvão explorado em minas, que, como se referiu, existiam na região, se carvão vegetal obtido pela queima de pinho. A verdade é que documentos posteriores continuam a aludir a carvoeiros residentes nestas terras²⁵. No foral leiriense de 1510, determinou-se que os vizinhos do concelho não pagariam portagem do carvão, casca, lenha e cortiça que levassem para fora²⁶.

Das resinas de pinho, decerto, se fabricava o pez²⁷. Em A-de-Barbas (Maceira), em 1516, ficava um Porto do Pez²⁸. Desde a primeira metade de Quatrocentos, por outro lado, que se multiplicam as referências ao azeviche e aos artesãos que o exploravam²⁹.

²¹ TT – Mosteiro de Alcobaça, Livro 14, fls. 32-32vº

²² Azougue adquirido por Silvestre Esteves, recebedor da câmara do Dom Abade e comprador, em Leiria, da abadia. (TT – Mosteiro de Alcobaça, Livro 14, fls. 154v, 171 e 224). O azougue ou mercúrio, da cor da prata, empregava-se, por exemplo, no fabrico de espelhos sendo usado, também, na extração de ouro e de prata. D. Manuel I concedeu licença, por carta de 13 de agosto de 1510, a João d’Olva, castelhano, para buscar vieiros e minas de vermelhão e azougue em Portugal, devendo pagar, do que viesse a achar e explorar, 1/4. (TT – Leitura Nova: Místicos, Livro 5, fls. 64-64vº).

²³ Em 1455, Gonçalo Eanes, de Elvas, mestre em “massaqoth”, foi chamado, por Mestre João Rodrigues, para trabalhar nas obras da Batalha, recebendo privilégio real para esse efeito. (TT – Chancelaria de D. Afonso V, Livro 15, fls. 101vº-102). Vd. REDOL, Pedro, *O Mosteiro da Batalha e o vitral em Portugal nos Séculos XV e XVI*, Batalha, Câmara Municipal da Batalha, 2003.

²⁴ “Vyo huã vez Domingos Dominguez que era chaveyro dessa eygreia das Colmeas aver refferta com huum carvoeyro que morava no Freyxeal porque esse chaveyro lhy demandava iij soldos de dizema do carvom ca tanto dizia que lhy dava outro seu fregues. E o carvoeyro dizia ca nom avya por que lhy dar tanto ca nom gaanhava de que.” (TT – Sé de Coimbra, 2ª incorporação, Maço 91, Doc. 4400).

²⁵ Rodrigo Afonso, carvoeiro, morador em Leiria, citado em diplomas de 1428, 1452 e 1453. Em 1456, refere-se Constança Eanes como sendo já sua viúva. (TT – Santa Clara de Coimbra, Documentos Particulares, Maço 10, Doc. 21; Maço 11, Docs. 31; Chancelaria de D. Afonso V, Livro 4, fl. 43vº). Em 1473, um João Afonso Carvão, morador em Évora de Alcobaça, evadiu-se da cadeia da correição que então estava em Leiria. (TT – Chancelaria de D. Afonso V, Livro 33, fl. 123).

²⁶ GOMES, Saul António – *Introdução à História do Castelo de Leiria...*, Doc. 265.

²⁷ Num documento de 3 de fevereiro de 1414, Leiria, encontramos mencionado um João Sanches *Pegeiro*, ou seja, cremos, “pegueiro”, talvez por ser fabricante de pez. (TT – Mosteiro de Alcobaça, 2ª incorporação, Maço 36, Doc. 766 (27)).

²⁸ TT – Chancelaria de D. Manuel I, Livro 25, fl. 29.

²⁹ Entre outros, podemos documentar, como azevicheiros moradores na então vila de Leiria, os nomes de Fernão Lourenço (1435), João Domingues (1438) e Pedro Eanes (1451). Na Batalha residia, já em 1504, um Fernão Gonçalves, azevicheiro, o qual se documenta nos anos seguintes. A partir de 1500, registam-se

Há notícias tardias que mencionam garimpagem de ouro em leitos fluviais³⁰. Por meados do século XIV, numa inquirição ordenada pelo rei D. Afonso IV, aos limites do couto de Alcobaça, refere-se um Coval do Ouro, perto da Mata de Pataias e do Vale da Sardinha³¹. Há notícia, ainda que contemporânea, de exploração de prata no Oiteiro dos Tojos (Porto de Mós)³². Exploraram-se minas de ouro, no Portugal medievo, como se sabe, em vários lugares³³.

Os cistercienses de Alcobaça, como os frades dominicanos da Batalha, o rei, alguns nobres, o município de Leiria, e outros particulares, eram senhores de salinas de sal-gema, propiciadoras de elevados lucros, em lugares vizinhos de Leiria (Porto Moniz, Caranguejeira e A-das-Sentas ou Brancas)³⁴.

A exploração dos calcários, por seu turno, foi muito intensa, neste espaço, nos séculos medievais, permitindo escalas de construção monumental notáveis como sucedeu com os Mosteiros de Alcobaça e da Batalha. As pedreiras eram propriedade régia. Não dispomos de informação documental suficiente para cartografar essas jazidas exploradas naquele tempo, mas sabe-se que, na sua maioria, tinham lugar nas encostas das Serras de Aire e Candeeiros, tendo Porto de Mós como centro

numerosos artesãos azevicheiros, mas, agora, na área de influência da Batalha. Entre outros, nomeiam-se os azevicheiros seguintes: Gonçalo Sanches (1512), Domingos Soares (1516), Afonso de Quaia (1516), Gonçalo Moniz (1516-1520), Bastião Fernandes (1519) e João da Veiga (1520). (TT – Mosteiro de Alcobaça, Livro 15, fl. 235; Mosteiro da Batalha, Livro 4, Docs. 171, 174, 176, 130, 219, 266 [260]; Id., Livro 1, fls. 9 e 11v; Chancelaria de D. Manuel I, Livro 7 de Privilégios, fl. 1vº e 14). Nas imediações da aldeia de Alcanada, por 1514, menciona-se o hidrónimo “Ribeiro dos Azeviches” (TT – Mosteiro da Batalha, Livro 1, fl. 46v).

³⁰ Noticia-se o garimpo de ouro na Ribeira da Bouça (Colmeias) e em veios fluviais das atuais freguesias do Reguengo do Fetal e da Golpilheira (Batalha). Vd. GOMES, S. A., *Notícias e Memórias Paroquiais Setecentistas. 3. Batalha*, Coimbra, Ed. Palimage e CHSC, 2005, pp. 74 e 109; Idem, *Notícias e Memórias Paroquiais Setecentistas. 8. Leiria*, Coimbra, Ed. Palimage e CHSC, 2009, p. 49; MACEDO, D. António Costa, *Estatística do Districto Administrativo de Leiria*, Leiria, Typographia Leiriense, 1855, pp. 87-89.

³¹ TT – Mosteiro de Alcobaça, 2ª incorporação, Maço 59, Doc. 24.

³² FRAZÃO, Serra, *Porto de Mós. Breve monografia*, Porto de Mós, Câmara Municipal de Porto de Mós, 1982, pp. 152-153.

³³ Cerca de 1483, há notícia de João Rodrigues Homem, contador que fora de Coimbra, ter feito pesquisa de minas de ouro, prata e pedra ume, cedendo o monarca a continuidade dos direitos dessa procura, naquele ano, a Gonçalo Pereira, escudeiro real e morador em Setúbal. (BARROS, Henrique da Gama, *Op. cit.*, Tomo VI, p. 131). É possível que o mencionado João Rodrigues Homem fosse parente de Fernão Rodrigues Homem, vedor das obras do Mosteiro de Batalha em 1458. (TT – Leitura Nova: Estremadura, Livro 7, fl. 237vº).

³⁴ GONÇALVES, Iria, *O Património do Mosteiro de Alcobaça...*, cit., pp. 274-276; GOMES, Saul António, *O Mosteiro de Santa Maria da Vitória no Século XV*, p. 205-207; Idem, “Notas sobre a produção de sal-gema e de papel em Leiria e em Coimbra durante a Idade Média”, *Revista Portuguesa de História*, T. XXXI, Vol. I (1996), pp. 431-446; Idem, “Uma Dama na Leiria Medieval: Beatriz Dias, “manceba del-rei” D. Pedro I”, *Economia, Sociedade e Poderes. Estudos em Homenagem a Salvador Dias Arnaut* (Coord. Leontina Ventura), Coimbra, 2002 [2004], p. 301-329.

principal de extração. Desse calcário cozido em fornos, a altas temperaturas, se fazia cal necessária à construção civil³⁵.

As pedreiras tinham diferentes qualidades de pedra. Sabemos, que, por 1438, se apreciava a pedra do termo de Turquel (Alcobaça) para o fabrico de mós³⁶. Nem toda a pedra, com efeito, se prestava a este tipo de uso. Em 1456 para execução de um túmulo real, no Mosteiro da Batalha, encomendava-se a recolha da pedra necessária a um canteiro morador no Alqueidão da Serra (Porto de Mós)³⁷.

A construção do Mosteiro de Santa Maria da Vitória trouxe à região numerosos mestirais de construção civil, especialmente, cabouqueiros, pedreiros e artífices canteiros mais especializados no trabalho com a pedra, aumentando o peso social deste sector produtivo e levando ao aparecimento de uma comunidade com consciência política autonomista que esteve na base da formação do novo concelho da Batalha, formalmente instituído, pelo rei D. Manuel I, em 1500³⁸.

Do subsolo leiriense extraíam-se, também, barros. O topónimo Barro e seus derivados (Barosa, Barreira, Barreiros) são frequentes. Em 1308 menciona-se um “herdamento que jaz hu chamam Barro”, perto da vila³⁹. Existiam lugares chamados Barro, no Souto da Carpalhosa (“Barro de Santa Maria”, em 1314)⁴⁰, em S. Simão de Litém⁴¹ e em Agodim (Milagres)⁴².

Em 1367, o rei D. Fernando aforou, a Luís Eanes, seu falcoeiro, umas casas, uma olaria com um barreiro e um bacelo, tudo situado em Leiria, muito provavelmente no bairro de Santo Estêvão, a zona por excelência das olarias e onde, ainda na abertura do século XIV, se situava uma pequena comunidade moura⁴³.

³⁵ TT – Chancelaria de D. Manuel I, Livro 30, fl. 15vº. (Confirmação, datada de 10 de julho de 1497, da isenção de sisa, concedida já em 1390, das empreitadas de colheita de pedra e de fazer cal e telha aos que trabalhassem nas obras da Batalha).

³⁶ TT – Mosteiro de Alcobaça, livro 14, fl. 134.

³⁷ TT – Chancelaria de D. Afonso V, Livro 14, fl. 56.

³⁸ GOMES, Saul António, *O Mosteiro de Santa Maria da Vitória no Século XV*, Coimbra, Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Coimbra, 1990; Idem, “Les ouvriers du bâtiment a Batalha”, *Razo, Cahiers du Centre d’Études Médiévales de Nice*, N°14, *L’Artisan dans la Péninsule Ibérique*, Nice, 1993, pp. 33-51; Idem, “Perspectivas Sobre os Mestirais das Obras da Batalha no Século XV”, *Mare Liberum*, N° 7, Lisboa, 1994, pp. 105-126; Idem, “Um estaleiro medieval de excelência: o Mosteiro da Batalha”, *A História da Construção em Portugal. Alinhamentos e Fundações* (Ed. João Mascarenhas Mateus), Coimbra, 2010 [2011], pp. 49-78; Idem, “Les bâtisseurs du chantier gothique du Monastère de Bataille (Portugal)”, *História da Construção. Os construtores* (Coord. Arnaldo Sousa Melo e Maria do Carmo Ribeiro), Braga, CITCEM – Centro de Investigação Interuniversitária – Cultura, espaço e memória, 2011, pp. 173-190.

³⁹ TT – Mosteiro de Alcobaça, 2ª incorporação, Maço 12, Doc. 272 (4).

⁴⁰ TT – Sé de Coimbra, 2ª incorporação, Maço 90, Doc. 4346.

⁴¹ TT – Mosteiro da Batalha, Livro 4, Doc. 211 (1379).

⁴² TT – Mosteiro de Alcobaça, Livro 15, fl. 269vº (1435).

⁴³ TT – Chancelaria de D. Fernando I, Livro 1, fl. 7vº. Sobre a Mouraria de Leiria, vd. GOMES, Saul António, “A Mouraria de Leiria. Problemas Sobre a Presença Moura no Centro do País”, *Estudos Orientais*

Em 1467, Catarina Eanes, mulher de Álvaro Gonçalves, vendeu uma propriedade na Quinta do Pinheiro (Batalha) a qual ficava “contra onde tira ho barro e entesta com a dicta casa do forno em palheiro da dicta quintã”⁴⁴. Em 1510, referem-se os “barreiros” junto de Torre de Magueixa (Reguengo do Fetal)⁴⁵. O atual lugar de Cruz da Areia, a sul da cidade, era designado, por 1500, como sítio da Areia dos Vasos, denunciando a recolha, nesse espaço, de areias para as olarias⁴⁶. Do subsolo, explorava-se também as margas, úteis ao enriquecimento da capacidade produtiva de alguns solos⁴⁷.

Encontramos fornos de cal e de telha, em 1392, no lugar de Caldellas ao Soutosico⁴⁸. Junto a Alcanada, em 1492, refere-se um sítio conhecido por Cal Viva⁴⁹. Data de 1499 a entrega, por D. Manuel I, ao Mosteiro da Batalha, dos “chaãos, fornos de cal e telheiros que Nos temos e avemos no dito Moesteiro da Batalha, scilicet, dentro na povoação delle e ha d’arredor os quaaes foram comprados pera servidom das obras”⁵⁰. Em Vale Bom, junto a Leiria, existiam, no ano de 1513, uns fornos de cal⁵¹. Regista-se, pela mesma época, nas proximidades da Batalha, os topónimos Forneiros e Fornaria⁵².

Estes fornos, de cal ou de telha e olarias, consumiam largas quantidades de lenha e tojo, encontrando-se notícias de indivíduos associados a essa tarefa como Pedro *Tugeiro*, em documento de 1189⁵³, e, bem mais tarde, em 1308, um Pedro Eanes *Togeiro*⁵⁴.

O peso da exploração do ferro na área geográfica que nos ocupa resulta claro, ainda, das menções que se encontram a engenhos de fazer ferro. Cerca de 1314, na Cornegainha (Bajouca, freguesia de Monte Redondo), funcionava “huum engenho de ferro. E huum veyro no logo que chamam Cornegaynha. E ouveram no de compra, convem a saber, o veyro de Stevam Martinz.”⁵⁵

II – *O Legado Cultural de Judeus e Mouros*, Lisboa, Instituto Oriental da Universidade Nova de Lisboa, 1991, pp. 155-177.

⁴⁴ TT – Mosteiro da Batalha, Livro 4, Doc. 262.

⁴⁵ TT – Mosteiro de Alcobaça, Livro 135 – 66, fls. 83-84vº.

⁴⁶ GOMES, Saul António, “Um documento precioso de Francisco Luís no Arquivo Distrital de Leiria”, *Jornal de Leiria*, 14 de novembro de 1998.

⁴⁷ Em 1403, referia-se a Várzea das Margas, junto ao Pereiro e a Maceira. (TT – Mosteiro da Batalha, Livro 4, Doc. 186).

⁴⁸ “Ao dicto Afonso Martinz em graça todo o derecho do dizimo da telha e cal que se fezer no forno de Caldellas a Soutosico.” (TT – Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, 2ª incorporação, Maço 18, Documento com a cota antiga “Alm. 34, M. 1, N° 26”).

⁴⁹ TT – Mosteiro da Batalha, Livro 4, Doc. 197.

⁵⁰ TT – Mosteiro da Batalha, livro 4, Doc. 11 [10].

⁵¹ TT – Chancelaria de D. Manuel I, Livro 15, fl. 11vº.

⁵² TT – Mosteiro da Batalha, Livro 1, fls. 39vº e 42vº.

⁵³ TT – Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, Maço 12, Doc. 25.

⁵⁴ TT – Mosteiro de Alcobaça, Maço 26, Doc. 19.

⁵⁵ TT – Sé de Coimbra, 2ª incorporação, Maço 90, Doc. 4346.

O conhecido moinho de papel levantado nesta vila em 1411, por iniciativa de D. Gonçalo Lourenço de Gomide, escrivão da puridade d'el-rei D. João I, incluía também, no seu plano arquitetónico, funções de engenho de fazer ferro entre outras: “E que el quer fazer nos dictos asentamentos onde estiverom os dictos moynhos arteficios e engenhos de fazer ferro e serrar madeira e pisar burel ou outras alguas cousas que se façam com arteficio d'agoa quãaes el entender por sua prol comtanto que nom sejam moynhos de pam.”⁵⁶

Em 1435, na mesma vila, no Arrabalde da Ponte, encontrava-se um moinho, do Mosteiro de Alcobaça, e, junto dele, “huum grande pardieiro a beira da augua que dizem que esteve ja em elle huum enjenho de ferro e huum moinho d'azeite.”⁵⁷

Refira-se, também, a existência de um outro “engenho de serrar”, em Leiria, de que o fidalgo Rodrigo Afonso de Sousa doou uma terça parte ao Mosteiro de Alcobaça e os restantes dois terços ao Convento de S. Domingos de Évora, trazendo esse engenho, a foro, em 1418, uma Senhorinha Lourenço, viúva de Gonçalo Vasques *Toirom*.⁵⁸

Como se referiu, a construção civil foi um dos sectores mais determinantes do desenvolvimento económico no território leiriense. A expansão de vilas como Leiria, Pombal, Ourém, Porto de Mós, Batalha, Aljubarrota ou Pederneira, entre outras desta região estremenha litoral, impunha o consumo em escalas significativas de materiais construtivos próprios do casario, dos arruamentos e demais mobiliários urbanos.

Na construção comum e não monumental, todavia, os materiais usados eram mais modestos. Na documentação dos tempos medievais relativa a Leiria e à sua região próxima encontramos muitas referências a casas de habitação e a outros edifícios como banhos públicos, fornos, adegas, celeiros, palheiros, cavalariças, moinhos e outros engenhos e estruturas manufatureiras transformadoras. Entre os materiais de construção mencionados surgem registos relativos a paredes de pedra e cal e de taipa, a madeiras para sobrados, pavimentos, coberturas e vãos, a telha para coberturas e às ferragens utilizadas (pregos, fechaduras, chaves).

Em 1385, D. João I concedeu aos habitantes de Leiria o privilégio de recolherem madeiras para as suas casas nas matas régias que aqui possuía “quamdo acontecia que aos moradores da dita villa e termo era compridoira alguma madeira e louros pera suas casas e pera arcos de suas cubas e hos tomavam do nosso pinhal por ho termo da dita villa sem embargo nenhum.”⁵⁹ Em 1458, para o acabamento do coruchéu de uma igreja e de certas casas do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, em Leiria, D. Afonso V deu permissão para que se recolhesse, no seu Pinhal, a madeira necessária.⁶⁰

⁵⁶ TT – Chancelaria de D. João I, Livro 3, fls. 127vº-128.

⁵⁷ TT – Mosteiro de Alcobaça, Livro 15, fl. 219vº.

⁵⁸ TT – Mosteiro de Alcobaça: Dourados, Livro 3, fls. 108-108vº, doc. 209.

⁵⁹ TT – Chancelaria de D. João I, Livro, fl.

⁶⁰ TT – Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, Livro 1, fl. 43vº.

A pedra era estrutural na construção da casa medieval estremenha seja em ambiente urbano, seja em paisagem rural⁶¹. Paredes em pedra com argamassas ligantes de areia e cal, por vezes de lodo, como se documenta, para 1344, em Porto de Mós⁶². Casas com plantas nem sempre lineares, algumas, posto que raras, com torres⁶³. Casas, ainda, revelando idades e estados de manutenção muito contrastantes, sendo frequente, a par de casario novo ou bem conservado, outro arruinado e derrubado⁶⁴ e, até, queimado por incêndios que se propagavam facilmente entre casas vizinhas⁶⁵.

⁶¹ Em 1393, a Quinta da Golpilheira, da Sé de Coimbra, contava os seguintes edifícios e respetivo mobiliário próprio a economia rural local: “(...) E que vos arrepairedes d’adega e as casas e d’alpendorada e a quintaa de telha e de madeira e de pregadura e fazerdes as portas da rua novas e repayrardes as outras portas pella guysa que lhes comprir e refazerdes as paredes onde virdes que lhes he compridoiro e as tulhas e duas cubas grandes que as aiades de corer e poerde lhes as leyvas que lhes comprir e emarcâdellas. E fazerdes dous lagares que estam na casa de tras a dicta adegua de pedra e de cal. E as dornas outrosy de pedra e de cal ou de madeira qual virdes que lhes compre, outrosy de fusus e de conxuas. E corregerdes as casas dos dictos lagares e adubardes de telha e de madeira e de pregadura e a repairedes as paredes dos dictos lagares pella guissa que lhes comprir e poerdes lhe a porta com sua chave e fechadura. (...)” (GOMES, S. A., *Golpilheira Medieval (Batalha). Documentos Históricos*, Batalha, Junta de Freguesia da Golpilheira e Jornal da Golpilheira, 2010, doc. 44). Um outro exemplo era a Quinta da Porqueira (hoje Vale de Santa Margarida, freguesia do Arrabal, Leiria), propriedade do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, cuja cabeça era composta, em 1457, por casas, torres, adega, cozinha, lagar, alpendre e outras casas. (Arquivo da Universidade de Coimbra – Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, Dep. V-III-7-1- N° 5).

⁶² “Huã casa que se chama Adega de Santa Clara. (...) A qual casa esta em Porto de Moos na Fregesia de Sam Pedro e esta ho portal com rua que chama Direyta ant’o portal que foy de Joham Soarez (...) que o dito Vicente Cabeceyras faça de permeo as dictas paredes com o dicto Pedr’Estevez (...) hua parede de permeo de pedra e de lodo des ho marquo pera fundo e que as façom e que as volvam a tal cotado as paredes como ante stavam e pera se fazer o outom como ante stava que se tem com a casa de Domyngos Johaness Pentelho e aver Santa Clara toda a telha que see na parte de Vicente Cabeceyras e na de Sancta Clara e como parte a casa assy aja a madeyra e demais a madeyra que see em casa de Domingos Joannes Pentelho (..) e d’ir toda a chaão e fazer se de pedra e de lodo e todallas outras paredes que sam de fazer como per nos he devysado (...)” (GOMES, S. A., *Porto de Mós...*, Documento n° 104).

⁶³ Como no exemplo de uma certa casa, do Mosteiro de Santa Clara de Coimbra, em 1355, na Praça de Leiria: “Hua casa torre e outra casa que sta a par dela como a soiades de teer em estalajem e hua casa pequena que sta dentro na quintãa junta com a dicta torre e huum pardeheiro que’sta na dicta quintãa que soya de seer tristiga.” (TT – Santa Clara de Coimbra, Cx. 2, Séc. XIV, “N° 87”).

⁶⁴ Data de 1419 uma referência documental a casas de Santa Clara de Coimbra nas imediações da Praça de S. Martinho de Leiria: “Huã casa que foy adegua com hua casa pequena dianteira. E huns pardeeiros e quintal. E hua cassa pequena que he a par do rio. E hua casa que era palheyro (...) faça acima do palheiro que ora he deribada a meatade. E a outra casa pequena da beira do rio que he derribada dhua parede. E que sostinha a casa pequena. E a casa que foy adegua de paredes e madeira e do que lhe comprir (...)” (TT – Santa Clara Coimbra, Cx. 4, Séc. XV, “N° 93”).

⁶⁵ Como sucedeu, em 1440, num incêndio que se verificou na vila leiriense: “Fagundo Stevez morador em Leirea nos enviou dizer que ele fora culpado que posera fogo em huas casas d’Afomso Dominguez do Beco seu bizinho e as queymara com gram parte do que avia. E que como quer que em ello culpado nom forra que alguas testemunhas que lhe bem nom queriam testemunharam contra ell (...)” (TT – Chancelaria de D. Afonso V, Livro 20, fl. 129v°).

Imóveis que, quando em mau estado, era necessário reparar e sujeitar a “confeitorias” dispendiosas, como se lê num contrato, de 1488, alusivo a casas, em parte degradadas e arruinadas, à beira do rio Lis, em cujo melhoramento se incluía também o ajardinamento do quintal anexo, como se pode ler do extrato que passamos a citar: “Que ho dito pardieiro estava em munturo e pardieiro e que lançavam nelle çugidade e que disto servia somente que avia por sinall hua pequena parede a quall elle todo derrybara e fezera paredes de pedra e quall e duellas de adobes e madeiramento bom e telhou tudo de novo nas quaaes confeitorias gastara dez mil reais e mais. E que asy posera no chão que dentro estava muitas lauranjeiras e cidreiras e outras arvores de fruto. E que asy gastara dous mil reais. E asy fezera huns fornos de cozer pam. E que gastou outrosy seis mill reais. E que asy andara em demanda sobre ho fazer do dito forno (...)”⁶⁶

Nem sempre se reparavam ou mantinham devidamente os edifícios, e uma das razões estava na falta de entendimento entre herdeiros ou usufrutuários, acabando por provocar prejuízos e perdas nesses mesmos prédios⁶⁷.

A casa leiriense mais nobre contava com espaços anexos de cultivo, sobretudo quintais e pomares, à semelhança, aliás, do que se encontrava, dentro da cerca da vila, nos paços régios de S. Simão ou de a par de S. Pedro, que tinham pomar cercado. Quintais e pomares que atestavam, por vezes, somados a outros indícios arquitetónicos, como as torres e cavaliças, a qualidade e a “nobreza” dos habitantes ou proprietários⁶⁸.

Era a situação, em 1443, de D. Fradrique de Castro, que, citamos: “ha e pesuhe por suas e como suas huas casas altas sobradadas no Arravalde da Ponte (...) que partem da hua parte com Diogo Lopez de Sousa. E da outra com Mend’Afonso clerigo e da outra com hua casa de Santa Cruz viindo asy com rua publica e desi pelo rio as quaaes com seus enxidos e pumares e cavaliças e pertenças som suas proprias e de Dona Briatiz de Vasconcellos sua molher...”⁶⁹ Não menos nobre seriam as casas em que pousavam os abades de Alcobaça quando passavam por Leiria. Situavam-se os aposentos abaciais, em 1465, na rua de Alcobaça (hoje rua

⁶⁶ TT – Santa Clara Coimbra, Régios, Mº 2, Nº 7.

⁶⁷ Veja-se o exemplo relativo a casas situadas na rua da Sapataria, em Leiria, de 1494, seguinte: “Preito e demanda era antre elles per rezam de hua parede dhuua casa que era em há dita villa de Leirea que era emtre duas casas que eram na rua da Çapataria da dita villa. E que partia há dita casa com el dito Martim Dominguez e sua molher e com rua pubrica e com ha dita parede que era do dito moesteiro. E com casa de Pero Estevez forneiro e com casa da See de Braguaa e com casa do dito moesteiro (...). A qual casa ho dito Martim Dominguez e a dita sua molher diziam que avia d’aver a metade (..) que ha dita parede que asi era damtre ambas ditas partes que estava em ponto de cair (...)” (TT – Mosteiro de Alcobaça, Livro 135, Doc. 47, fls. 61v-63).

⁶⁸ GOMES, S. A., *Introdução à História do Castelo de Leiria...*, p. 115-125.

⁶⁹ TT – Mosteiro de Santa Cruz Coimbra, Livro 4, fls. 108-109.

Fernandes Tomás), sendo compostas por casas térreas, sobradadas, cozinha, câmara, sala e *loggia*⁷⁰.

Outro casario, todavia, confrontava com estruturas oficiais e manufatureiras, como sucedia com a casa e câmara de Nuno Gonçalves, escudeiro, à rua dos Banhos, que partia, em 1458, com os engenhos régios do azeite⁷¹. De resto, casas de nobres, de homens-bons ou de mesterais, térreas ou sobradadas, “dianteiras” ou “fundeiras”, maiores ou menores, nelas dominariam, como em numerosos outros lugares⁷² e como atesta um contrato, feito em Leiria, do ano de 1501, “cumeira[s] de pedra e call e telha e madeyra e pregadura”⁷³.

Os arruamentos da vila manifestavam as atividades artesãs que faziam de Leiria um espaço comercial procurado. Os oleiros aglomeravam-se na antiga rua das Olarias, como se referiu, junto à paróquia de Santo Estêvão. Era também na área urbana desta paroquial que habitava a maioria dos artesãos ligados à metalurgia, dando corpo à Ferraria ou rua da Ferraria⁷⁴. Os ferreiros eram, na Leiria medievla, uma das “corporações” de maior peso artesanal⁷⁵. Existia um antigo Hospital dos Ferreiros, localizado nas Caldeirarias, justamente na alçada da dita paroquial de

⁷⁰ TT – Mosteiro de Alcobaça, Livro 135, Doc. 35, fls. 45-46.

⁷¹ “Huã casa que o dicto mosteiro há em a dicta villa de Leirea junto com os emgenhos do azeite del rey a quall parte he hua parte com camara de Nuno Gonçalvez escudeiro morador em a dicta villa e da outra com quintall e arvores de Garecia Gonçalvez dos Banhos e entesta com rua pubrica e antre a dicta casa he huum quintall do dicto mosteiro que hora traz Diogo de Pedrosa e hua azenhaga da quall meatade della he de servintia da dicta casa a quall casa he danificada das paredes asy pera cair a deanteira como huum cunhall da dicta casa seer todo dirribado (...)” (TT – Santa Clara Coimbra, Particulares, Mº 12, Nº2).

⁷² CHAPELOT, O.; BENOIT, P. (Org.), *Pierre et métal dans le bâtiment au Moyen Age*, Paris, Ed. École Hautes Études en Sciences Sociales, 1985; CONDE, Manuel Sílvia, CONDE, Manuel Sílvia Alves, “Materiais de construção na arquitetura do Médio Tejo nos finais da Idade Média”, 3º Congresso de Arqueologia Peninsular. UTAD. Vila Real, Portugal, setembro de 1999 (Coord. Vitor Oliveira Jorge), Vol. 7, 2000, pp. 43-56; Idem, “Sobre a casa urbana do Centro e Sul de Portugal nos fins da Idade Média”, *Arqueologia Medieval*, 5, 1997: 243-266; Idem, “Morfologia e materialidade da casa comum urbana medieval”, *Construir la ciudad en la Edad Media* (Coord. Beatriz Arizaga Bolumburu, Jesús Angel Solórzano Telechea), 2010, pp. 289-318; SILVA, Maria João Violante Branco Marques da, *Aveiro Medieval*, Aveiro, Câmara Municipal de Aveiro, 1991, pp. 43-46; ALARCÃO, Jorge, *Coimbra. A montagem do cenário urbano*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008; TRINDADE, Luísa, *Urbanismo na composição de Portugal*. (Tese de Doutoramento), Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2010.

⁷³ TT – Mosteiro de Alcobaça, 2ª incorporação, Maço 66, Doc. 44.

⁷⁴ 1399: “na Ferraria” (TT – Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, livro 94, fl. 280vº). Em Leiria, “na rua da Feraria”, em 1438 (TT – Mosteiro de Santa Clara de Coimbra, Caixa 3, Séc. XV, Doc. “Nº 65”).

⁷⁵ Com peso significativo também noutras vilas e cidades, caso de Burgos (AAVV, *Burgos en la Edad Media*, León, Junta de Castilla y León, 1984, pp. 285-286), mas com peso social mais modesto, por exemplo, em Valladolid (RUCQUOI, Adeline, *Valladolid en la Edad Media. Vol. I. Génesis de un poder*, León, Junta de Castilla y León, 1987, pp. 32-329. Vd. MELO, Arnaldo Rui Azevedo de Sousa, *Trabalho e Produção em Portugal na Idade Média. O Porto, c. 1320 – c. 1415*, 1º vol., Braga, Dissertação de Doutoramento (policiopiada), 2009, p. 215 e seguintes.

Santo Estêvão, que atingirá ainda os séculos modernos, sendo administrado por ferradores, serralheiros, caldeireiros, picheiros, ferradores, ourives, cutileiros e carvoeiros. Na procissão do *Corpus Christi*, aliás, os ferreiros leirienses transportavam a prestigiada imagem de S. Jorge⁷⁶.

Dominavam, nesse subsector económico, partilhado por cristãos e por judeus, os ferreiros, mencionando a documentação medieval leiriense, ainda, caldeireiros, latoeiros, picheiros, bainheiros e cutileiros. Ligados aos metais nobres colhemos referências significativas, tanto entre cristãos como entre judeus, a ourives e pratives, o que revela a existência de um mercado de consumo local de bens de luxo apreciável⁷⁷.

Não escasseavam, também, na Leiria desses séculos medievos, os ferradores.

Todos eles mesterais que engrossavam a mão-de-obra mais diretamente envolvida no manuseamento, transformação e produção metalúrgica ou suas afins para cuja existência, como vimos, o subsolo da região de Leiria, em tempos medievais, contribuía ao oferecer uma parte dessas matérias-primas.

ANEXOS

Quadro 1. Referências a ourives e pratives na Leiria Medieval

Data	Nome	Cota
1301	Rui Giraldes, ourives	TT – Alcobaça, Mº 23, Doc. 3; Dourados, Livro 3, fls. 67vº-68, Doc. 145
1419, 1435, 1440	João Vasques, ourives; com uma vinha nas Cortes (Leiria), que partia com o Mosteiro de Alcobaça	Id., Santa Clara Coimbra, Caixa 3, Séc. XV, “Nº 63”; Most. Alcobaça, Livro 15, fl. 243vº; Livro 135, fls. 26-28, Doc. 21
1442	Benjamim Almeredi, judeu e ourives	Id., Chanc. D. Afonso V, Livro 23, fl. 68
1469	José Prateiro, judeu e mercador, morador em Leiria, ourives que foi da Imperatriz D. Leonor, irmão de D. Afonso V	Id., Chanc. D. Afonso V, Livro 31, fl. 54

⁷⁶ *O Couseiro ou Memórias do Bispado de Leiria*, Leiria, Textiverso, 2011, Capítulos 24 e 30.

⁷⁷ Ouro e prata usados nas alfaías litúrgicas de igrejas, mas também nas baixelas e objetos de adorno das gentes mais ricas. Por 1383, Beatriz Dias, residente em Leiria, possuía cruzeiros e taças de prata. Uma dessas taças tinha esculpidas figuras alusivas aos meses do ano. (TT – Mosteiro de Alcobaça, 2ª incorporação, Maço 9, Doc. 220 (5). A viúva de Mestre Conrate, na Batalha, em 1466, possuía quatro taças de prata chãs, um copo de prata chão de lavor comum, para além de moeda em ouro e prata (cinco cruzados, uma dobra de ouro, um escudo de ouro e um grosso de Portugal). (TT – Mosteiro da Batalha, Livro 4, Doc. 131-131vº).

Quadro 2. Referências a ferreiros na Leiria Medieval

Data	Nome	Cota
1246	Gonçalo Gonçalves, o Ferreiro, clérigo secular de Leiria	TT – Sé Coimbra, Mº 14, Doc. 11
1262	Domingos “Ferrarius”	TT – Most. Alcobaça, 2ª, Mº 32, Doc. 808 (4), fl. 5vº.
1268	Miguel Ferreiro	TT- Chanc. D. Afonso III, Livro 1, fls. 88-88vº
1293	Samuel Ferreiro, judeu	TT – Most. Alcobaça, Mº 19, Doc. 37
1306	“herdades que partem com no Vassoyra e com na Ferreyra”	TT – Most. Alcobaça, Mº 24, Doc. 26
1322	Vicente Domingues, ferreiro	Ibidem, Mº 27, Doc. 31
1359	Vicente Ferreiro	Ibidem, Mº 33, Doc. 34
1360	Lourenço Domingues, ferreiro	Ib., 2ª, Mº 12, Doc. 282 (14); Dourados Alcobaça, Livro 3, fls. 81vº-82
1365	Pêro Domingues, ferreiro	Ib, Dourados, livro 3, fl. 99vº
1379	João Barreiro, ferreiro	Id, Stª Clara Coimbra, Cx. 1. Séc. XIV, “Nº 69”
1382	Fr. João Ferreiro, frade da Ordem Terceira de S. Francisco	Id, Chanc. D. Fernando I, livro 3, fl. 13
1394	Santo, judeu e ferreiro	Id, Alcobaça, Mº 19, Doc. 43
1399	“O Meestre ferreiro trage huum lagar e herdade na Portella”	Id., Santa Cruz de Coimbra, livro 94, fl. 285vº
1399	A mulher que foi de Fomes Ferreiro, da Fonte da Pedra	Ibidem, Livro 94, fl. 275vº
1399	João Esteves, ferreiro, filho de Estêvão d’Ouro, com tenda na Ferraria	Ibidem, livro 94, fl. 278vº
1415	João Eanes, ferreiro	Id., Most. Batalha, livro 4, Doc. 26
1420	João Luís, ferreiro, morador na Batalha	Ib., Livro 4, Doc. 206
1438	João Afonso, ferreiro, morador em Alpedriz	Ib., livro 4, Doc. 27b
1442	João Peres, ferreiro, morador na Caranguejeira, protegido de D. Diogo de Ataíde	Id, Chanc. D. Afonso V, livro 23, fl. 49
1442	Abraão Franco, judeu e ferreiro	Ib., Livro 23, fl. 95vº
1442, 1449, 1465	Pichel, judeu e ferreiro	Ib., Livro 23, fl. 88; Most. Batalha, Livro 4, Doc. 155 e 9
1442	Levi Sotil, judeu e ferreiro	Ib., Livro 23, fl. 95vº
1442	Judas Façam, judeu e ferreiro	Ib., livro 23, fl. 68
1442	Abraão Gago, judeu e ferreiro	Ib., Livro 23, fl. 104vº
1447	Fernão Martins, ferreiro, morador na Batalha	Id., Most. Batalha, Livro 4, Doc. 30

1449	Gil Afonso, criado de João Afonso, ferreiro, de Alpedriz	Ib., Livro 4, Doc. 189
1449	Jacob da Pederneira, judeu e ferreiro	Id., Chanc. D. Afonso V, Livro 34, fl. 138vº
1455	Samuel de Leiria, judeu e ferreiro, morador na Guarda	Id., Chanc. D. Afonso V, Livro 15, fl. 159; Livro 38, fl. 96vº
1455	José de Leiria, judeu e ferreiro, morador na Guarda	Ib., Livro 38, fl. 96vº
1455	Salomão de Leiria, judeu e ferreiro, morador em Lamego	Ib., Livro 15, fl. 159
1459	Jacob Chichorro, ferreiro, morador na Pederneira	Ib., Livro 36, fl. 223
1494	Pêro esteves, ferreiro, morador na rua da Sapataria	Id., Alcobaça, Livro 135., fl. 61vº-63, Doc. 47
1500	Martim Lopes, ferreiro, cristão-novo, foreiro de moinhos em Carvide e de uma herdade em Monte Real	Id., Batalha, Livro 4, Doc. 148 e 80

Quadro 3. Referências a caldeireiros na Leiria Medieval

Data	Nome	Cota
1300, 1311, 1318, ...1327	Domingos Eanes, caldeireiro, casado com Domingas Eanes, pai de Vicente Domingues	TT – Most. Alcobaça, Livro 135, fls. 1-2, Doc. 1; Mº 25, Doc. 18; Mº 26, Doc. 40; Dourados, livro 3, fls. 84-84vº, Doc. 182
1360, 1361	João Vasques, caldeireiro, com terra na Areia dos Vasos	Ib, 2ª incorp., Mº 12. Doc. 282 (14); Mº 11, Doc. 253 (3); Dourados, livro 3, fl. 82, Doc. 177;
1410	João Eanes, caldeireiro, com terra na Cobrambinha, junto a Leiria	Ibidem, Livro 183, fls. 205-205vº, Doc. 401
1435, 1437	Álvaro Anes, casado com Inês Lourenço, foreiro de Alcobaça de uma herdade em juncal Gordo, Leiria. e de um pardieiro em Santo Estêvão	Ibidem, Livro 15, fl. 237; Santa Cruz de Coimbra, Livro 44, Doc. 8 [90]
1435	João Afonso, foreiro de uma herdade de Alcobaça na Barosa	Ibidem, Livro 15, fl. 235vº
1441	João Afonso, caldeireiro, aposentado de besteiro de acavalo por ter 67 anos	Id., Chanc. D. Afonso V, Livro 2, fls. 45-45vº
1441	João esteves, caldeireiro, com 65 anos, aposentado de besteiro por paralisia	Ib., Livro 2, fl. 49vº
1453	João Eanes, caldeireiro, besteiro de cavalo em lugar de Pêro Anes, da Tenda	Ib., livro 4, fl. 43
1453	João Afonso, caldeireiro, besteiro de cavalo em lugar de João Ramalho, de Montemor-o-Velho	Ib., Livro 4, fl. 43

1454	Estêvão Afonso, caldeireiro, casado com Maria, filha de Violante Gomes e de Fernão Lopes, de Leiria	Ib., Livro 10, fl. 110vº
1464, 1471	Estêvão Eanes, caldeireiro, com casa na rua de Alcobaça; em 1471: “homem velho e pobre”	Ib., livro 10. fl. 110vº; Livro 16, fl. 71; Alcobaça, livro 135, fls. 45-46, Doc. 35
1486, 1496	Gil Fernandes, caldeireiro e besteiro de câmara	Id. Chanc. D. João II, livro 1, fl. 14vº; Chanc. d. Manuel I, livro 40, fl. 118
1501	Casas que foram de Martim Afonso, caldeireiro, junto ao pardieiro e estalagem do Mosteiro de Alcobaça em Leiria	Id., Alcobaça, 2ª, Mº 66, Doc. 44

Quadro 4. Referências a banheiros na Leiria Medieval

Data	Nome	Cota
1399	João Eanes, banheiro, com uma tenda na Ferraria	TT – Santa Cruz de Coimbra, Livro 94, fl. 280vº
1399	João Eanes, banheiro, com uma tenda da Sapataria	Ibidem, livro 94, fl. 279vº
1399	João Eanes, banheiro, com uma casa na rua da Sapataria	Ibidem, Livro 94, fl. 282
1428	Álvaro Eanes, filho do Banheiro	TT – Stª Clara Coimbra, Particulares, Mº 10, Doc. 21
1438 e 1439	Fernão Peres, banheiro; vendeu ao Mosteiro de Alcobaça, em 1439, 12 pichéis de couro a 40 reais a peça e um funil por 25 reais; mais 6 caixas de couro para as copas e pichel e agomis; mais um pichel de couro por 40 reais	Id., Most. Batalha, Livro 4, Doc. 174; Alcobaça, Livro 14, fls. 309, 363vº e 364vº
1438	Afonso Peres, banheiro, comprou uma herdade na Lavruja, junto ao Reguengo d'el-rei	Id., Most. Batalha, Livro 4, Doc. 174

Quadro 5. Referências a picheleiros na Leiria Medieval

Data	Nome	Cota
1435c-	Luís Afonso, picheleiro; naquele ano, a sua viúva trazia casas na rua de Alcobaça	TT – Most. Alcobaça, livro 15, fl. 217
1470	Luís Afonso, picheleiro, com casas de Alcobaça, ao Celeiro; casado com Catarina Martins	Id., Alcobaça, Livro 135, fls. 49-50, Doc. 38
1482	Luís Afonso, picheleiro, com uma almuinha de Alcobaça nas Olhalvas (Leiria)	Ibidem, Livro 135, fls. 57vº-58vº, Doc. 44

Quadro 6. Referências a latoeiros na Leiria Medieval

Data	Nome	Cota
1442	Faim Tibona, judeu e latoeiro de Leiria	TT – Chanc. D. Afonso V, Livro 23, fl. 95vº
1506	António Fernandes, latoeiro, cristão-novo, fugiu de Leiria, deixando as casas que tinha, as quais são doadas a Álvaro do Rego	Id., Chanc. D. Manuel I, Livro 38, fl. 64

Quadro 7. Referências a couteiros na Leiria Medieval

Data	Nome	Cota
1268	Joane, “cuiteleiro”	TT – Chanc. D. Afonso III, Livro 1, fls. 88-88vº
1399	João Eanes, couteiro, com casas na Portela (Leiria)	Id., Santa Cruz de Coimbra, Livro 94, fl. 281vº

Quadro 8. Referências a ferradores na Leiria Medieval

Data	Nome	Cota
1360	João Vasques, com terra na Areia dos Vasos	TT – Most. Alcobaça, 2ª, Mº 12, Doc. 282 (14); Dourados, Livro 3, fl. 82, Doc. 177
1435	João Eanes casado com Leonor Eanes, foreiros de uma almuinha do Mosteiro de Alcobaça, nas Olhalvas (Leiria)	Ib., Livro 15, fl. 227
1442	Moisés Gago, judeu e ferreiro	Id., Chanc. D. Afonso V, Livro 23, fl. 68
1456	João Eanes, ferrador, aposentado de besteiro de cavalo	Ibidem, Livro 13, fl. 141
1487	João Afonso, ferrador, tomado por besteiro de câmara	Id., Chanc. D. João II, livro 21, fl. 13
1493 e 1496	Fernão Álvares, tomado pro besteiro de câmara, morador na “Velha”	Id., Chanc. D. Manuel I, Livro 40, fl. 118

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Jorge, *O Domínio Romano em Portugal*, Lisboa, Publicações Europa-América, 1998.
- IDEM, *Coimbra. A montagem do cenário urbano*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008.
- BARRADAS, Alexandra Alves, *Ourém e Porto de Mós. A obra mecenática de D. Afonso, 4º Conde de Ourém*, Lisboa, Ed. Colibri, 2006.
- BARROS, Henrique da Gama, *História da Administração Pública em Portugal nos Séculos XII a XV*, (Ed. anotada por Torquato de Sousa Soares), 12 tomos, Lisboa, Ed. Sá da Costa, 1945-1954.
- BERNARDI, Philippe, *Bâtir au Moyen Âge (XIIIe-milieu XVIe siècle)*, Paris, CNRS Editions, 2011.
- BERNARDES, João Pedro, *A Ocupação Romana na Região de Leiria*, Universidade do Algarve, Faro, 2007;
- IDEM, *A Região de Leiria na Época Romana*, Leiria, CEPAE e Folheto Edições, 2008.

- BRANDÃO (de Buarcos), João, *Grandeza e abastança de Lisboa em 1552* (Organização e notas de ALVES, José da Felicidade), Lisboa, Livros Horizonte, 1990.
- BRAUNSTEIN, Philippe, “Le fer et la production de fer en Europe, de 500 à 1500”, *Annales ESC*, 1972, p. 407-414.
- IDEM, “Les forges champenoises de la contesse de Flandre (1372-1404)”, *Annales ESC*, 42 année – N° 4 (1987), pp. 747-778.
- CARTA Geológica de Portugal. *Notícia explicativa da Folha 23 – C, Leiria* (TEIXEIRA, C.; ZBYSZEWSKI, G.; ASSUNÇÃO, C. Torre de; MANUPPELLA, G.), Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal, 1965.
- Folha 27 – A, Vila Nova de Ourém* (ZBYSZEWSKI, G.; MANUPPELLA, G.; FERREIRA, O. da Veiga; MOUTERDE, R.; RUGET-PERROT, Ch.; ASSUNÇÃO, C. Torre), Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal, 1974.
- Folha 22 – D, Marinha Grande* (ZBYSZEWSKI, G.; ASSUNÇÃO, C. Torre de), Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal, 1965.
- Folha 23 – A, Pombal* (MANUPPELLA, G.; ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. da Veiga), Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal, 1978.
- Folha 26 – B, Alcobaça* (FRANÇA, J. Camarate; ZBYSZEWSKI, G.), Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal, 1963.
- CHAPELOT, O.; BENOIT, P. (Org.), *Pierre et métal dans le bâtiment au Moyen Age*, Paris, Ed. École Hautes Études en Sciences Sociales, 1985.
- CHÉDEVILLE, A. – *Chartres et ses campagnes (XIe-XIIIe s.)*. Paris: Editions Kliucksieck, 1973.
- CONDE, Manuel Sílvio, CONDE, Manuel Silvío Alves, “Materiais de construção na arquitetura do Médio Tejo nos finais da Idade Média”, 3º Congresso de Arqueologia Peninsular. UTAD. Vila Real, Portugal, setembro de 1999 (Coord. Vitor Oliveira Jorge), Vol. 7, 2000, pp. 43-56.
- IDEM, “Sobre a casa urbana do Centro e Sul de Portugal nos fins da Idade Média”, *Arqueologia Medieval*, 5, 1997: 243-266.
- IDEM, “Morfologia e materialidade da casa comum urbana medieval”, *Construir la ciudad en la Edad Media* (Coord. Beatriz Arizaga Bolumburu, Jesús Angel Solórzano Telechea), 2010, p. 289-318.
- DUBY, Georges – “La agricultura medieval, 900-1500”, CIPOLLA, Carlo M. (Ed.), *Historia Económica de Europa. 1. Edad Media*, Barcelona, ed. Ariel, 1981, p. 186-234.
- DURAND, Robert, *Les campagnes portugaises entre Douro et Tage aux XIIe et XIIIe siècles*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.
- FOSSIER, Robert, *Le Moyen Âge. le temps des crises. 1250-1520*, 3, Paris, Ed. Armand Colin, 1983.
- FOURQUIN, Guy – *História Económica do Ocidente Medieval*, Lisboa, Edições 70, 1981.
- FRAZÃO, Serra, *Porto de Mós. Breve monografia*, Porto de Mós, Câmara Municipal de Porto de Mós, 1982.
- GOMES, Saul António, *O Mosteiro de Santa Maria da Vitória no Século XV*, Coimbra, Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Coimbra, 1990.
- IDEM, “A Mouraria de Leiria. Problemas Sobre a Presença Moura no Centro do País”, *Estudos Orientais II – O Legado Cultural de Judeus e Mouros*, Lisboa, Instituto Oriental da Universidade Nova de Lisboa, 1991, pp. 155-177.
- IDEM, “Les ouvriers du bâtiment a Batalha”, *Razo, Cahiers du Centre d'Études Médiévales de Nice. L'Artisan dans la Péninsule Ibérique*, N°14 (1993): 33-51.
- Idem, “Perspectivas Sobre os Mesterais das Obras da Batalha no Século XV”, *Mare Liberum*, N° 7 (1994): 105-126.

- IDEM, “Notas sobre a produção de sal-gema e de papel em Leiria e em Coimbra durante a Idade Média”, *Revista Portuguesa de História*, T. XXXI, Vol. I (1996): 431-446.
- Idem, “Um documento precioso de Francisco Luís no Arquivo Distrital de Leiria”, *Jornal de Leiria*, 14 de novembro de 1998.
- IDEM, “Uma Dama na Leiria Medieval: Beatriz Dias, “manceba del-rei” D. Pedro I”, *Economia, Sociedade e Poderes. Estudos em Homenagem a Salvador Dias Arnaut* (Coord. Leontina Ventura), Coimbra, 2002 [2004], pp. 301-329. [Também publicado em *Biblos. Revista da Faculdade de Letras*, Vol. LXXVII. 2ª Parte da Miscelânea em Honra do Doutor Salvador Dias Arnaut. “Sociedade e Economia”, Coimbra, 2001, pp. 115-143].
- IDEM, “O Condado de Ourém em tempos medievais”, *D. Afonso, 4º Conde de Ourém e sua Época. Congresso Histórico. Ourém, 6 a 8 Novembro 2003. Actas*, (Coord. Carlos Ascenso André), Ourém, Câmara Municipal de Ourém, 2004, pp. 93-156.
- IDEM, *Introdução à História do Castelo de Leiria*, 2ª edição, Leiria, Câmara Municipal de Leiria, 2004.
- IDEM, *Porto de Mós. Colectânea Histórica e Documental. Séculos XII a XIX*, Porto de Mós, Câmara Municipal de Porto de Mós, 2005.
- IDEM, *Notícias e Memórias Paroquiais Setecentistas. 3. Batalha*, Coimbra, Ed. Palimage e CHSC, 2005.
- IDEM, *Notícias e Memórias Paroquiais Setecentistas. 8. Leiria*, Coimbra, Ed. Palimage e CHSC, 2009.
- IDEM, “Uma *domus* espreitando o movimento dos séculos”, *Mimo. Museu da imagem em movimento. Intervenção para um projecto museológico*, Leiria, Município de Leiria, 2009, pp. 15-20.
- IDEM, *Golpilheira Medieval (Batalha). Documentos Históricos*, Batalha, Junta de Freguesia da Golpilheira e Jornal da Golpilheira, 2010.
- IDEM, “Um estaleiro medieval de excelência: o Mosteiro da Batalha”, *A História da Construção em Portugal. Alinhamentos e Fundações* (Ed. João Mascarenhas Mateus), Coimbra, 2010 [2011], pp. 49-78. IDEM, “Les bâtisseurs du chantier gothique du Monastère de Bataille (Portugal)”, *História da Construção. Os construtores* (Coord. Arnaldo Sousa Melo e Maria do Carmo Ribeiro), Braga, CITCEM – Centro de Investigação Interuniversitária – Cultura, espaço e memória, 2011, pp. 173-190.
- IDEM, “Novos e antigos elementos para a história do castelo de Leiria”, in *Leiria-Fátima. Órgão Oficial da Diocese*, Ano XVI, Nº 49, Janeiro-Junho 2010 [2012]: 141-15
- GONÇALVES, Iria, *O Património do Mosteiro de Alcobaça nos Séculos XIV e XV*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1986.
- HEERS, Jacques – *O Ocidente nos Séculos XIV e XV. (Aspectos económicos e sociais)*, São Paulo, Universidade de São Paulo, 1981.
- HELENO, Manuel, *Antiguidades de Monte Real*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1922.
- LE GOFF, Jacques, “La ciudad como agente de civilización: c. 1200-c.1500”, CIPOLLA, Carlo M. (Ed.), *Historia Económica de Europa. 1. Edad Media*, Barcelona, ed. Ariel, 1981, p. 78-114.
- MACEDO, D. António Costa, *Estatística do Districto Administrativo de Leiria*, Leiria, Typographia Leiriense, 1855.
- MARQUES, A. H. de Oliveira, *Portugal na Crise dos Séculos XIV e XV*. Vol. IV de *Nova História de Portugal* (Dir. SERRÃO, Joel e MARQUES, A. H. de Oliveira), Lisboa, Editorial Presença, 1987.
- MATTOSO, José, *Identificação de um país. Vol. I. Ensaio sobre as Origens de Portugal 1096-1325*, Lisboa, Editorial Estampa, 1995.
- MELO, Arnaldo Rui Azevedo de Sousa, *Trabalho e Produção em Portugal na Idade Média. O Porto, c. 1320 – c. 1415*, 2 vols., Braga, Dissertação de Doutoramento (policopiada), 2009.

- MENANT, François, “Pour une histoire médiévale de l’entreprise minière en Lombardie”, *Annales ESC*, 42e année – N° 4 (1987), pp. 779-796.
- Mines et Métallurgie (XIIe-XVIe siècle). Actes du 98e Congrès National des Sociétés Savantes. Saint-Étienne 1973*, Paris, Ed. Bibliothèque Nationale, 1975.
- MONTEIRO, Severiano; BARATA, João Augusto – *Catalogo Descriptivo da Secção de Minas. Grupos I e II*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1889.
- MOUTINHO, Mário, *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, Lisboa, Ed. Estampa, 1995.
- Notícias do Distrito de Leiria de 1721 enviadas à Academia Real. Códice do Arquivo da Universidade de Coimbra N° 503*, Leira, ed. O Mensageiro, s. d.
- PEREIRA, Nuno Teotónio; FREITAS, António Pinto de; DIAS, Francisco da Silva, “Zona 4: Estremadura”, *Arquitectura Popular em Portugal*. 2º volume, 3ª edição, Lisboa, Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988.
- PINTO, A. Arala, *O Pinhal do Rei. Subsídios*, 2 vols., [Leiria], 1938-1939.
- RAU, Virgínia, “Exploração do ferro em Rio Maior no Século XIII”, *Revista Portuguesa de História*, T. III (1947), pp. 199-202.
- REDOL, Pedro, *O Mosteiro da Batalha e o vitral em Portugal nos Séculos XV e XVI*, Batalha, Câmara Municipal da Batalha, 2003.
- RIBEIRO, Carlos, *Memorias sobre as minas de carvão e ferro do Districto de Leiria*, Vol. 1, Lisboa, Academia Real das Sciencias, 1858.
- RIBEIRO, João Pedro, *Dissertações Chronologicas e Criticas sobre a Historia e Jurisprudencia civil e ecclesiastica em Portugal..*, Tomo III, Lisboa, Academia das Sciencias de Lisboa, 1813.
- SEQUEIRA, Gustavo Matos, *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Leiria*, Lisboa, Academia Nacional de Belas-Artes, 1955.
- SILVA, Maria João Violante Branco Marques da, *Aveiro Medieval*, Aveiro, Câmara Municipal de Aveiro, 1991.
- SPRANDEL, R., “La production du fer au Moyen Age”, *Annales ESC*, 1969, pp. 305-321.
- THRUPP, Sylvia L., “La industria medieval, 1100-1500”, CIPOLLA, Carlo M. (Ed.), *Historia Económica de Europa. 1. Edad Media*, Barcelona, ed. Ariel, 1981, p. 235-290.
- TRINDADE, Luísa, *Urbanismo na composição de Portugal*. (Tese de Doutoramento), Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2010.
- VROOM, Wim, *Financing cathedral building in the Middle Ages. The generosity of the faithful*, Amsterdam: Amsterdam University Press, 2010.



Portugal segundo mapa de 1729, evidenciando-se a Estremadura com Leiria situada junto da costa atlântica (Biblioteca Nacional de Portugal)



Leiria e o seu castelo
cerca de 1900



Castelo de Porto de Mós



Castelo de Ourém



Antigas casas medievais em ruína, no castelo de Leiria (foto de cerca de 1900)



Antigo Moinho do papel, em Leiria: poços dos rodízios com aduelas de pedra calcária dispostas em arco gótico

RESUMO: Neste texto, caracteriza-se a paisagem medieval da região de Leiria, no coração do Maciço Calcário Estremenho (Portugal), rica em castelos, mosteiros e igrejas, e documenta-se a exploração de matérias-primas com impacto na construção monumental e comum neste território. Analisa-se a produção de madeiras e a exploração de pedreiras calcárias e de minérios (ferro, carvão, azeviche, sal-gema) e a utilização da maioria dessas matérias-primas na construção corrente, bem como o impacto dessas atividades no mercado do trabalho artesanal, sobretudo o metalúrgico, da antiga cidade de Leiria.

Palavras-chave: Leiria (Portugal), madeiras, pedreiras, metalurgia, construção.

RÉSUMÉ: Dans ce texte se caractérise le paysage médiéval de la région de Leiria, dans le coeur du Maciço Calcário Estremenho (Portugal), riche en châteaux, monastères et églises, et se documente l'exploration de matières premières avec impact dans la construction monumentale et commune sur ce territoire. Il s'analyse la production en bois et l'exploration de carrières calcaires et de minerais (fer, charbon, jet, sel-jaune) et l'utilisation de ces matières premières dans de la construction courante, ainsi que l'impact de ces activités dans le marché du travail artisanal, surtout le métallurgique, de l'ancienne ville de Leiria.

Mots clés: Leiria (Portugal), bois, carrières, métallurgie, bâtiment.